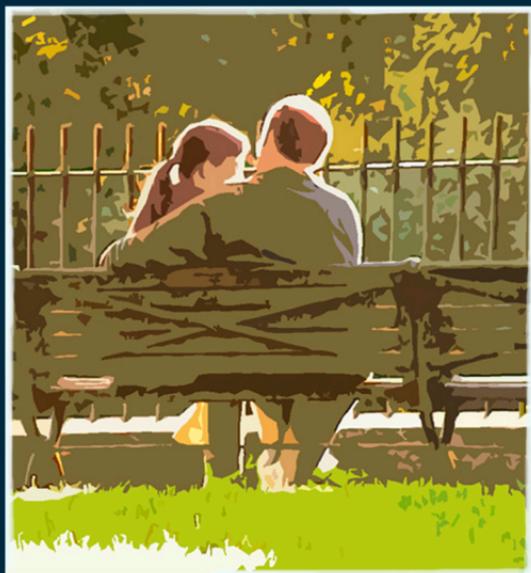


José Leon Machado

# Jardim sem Muro



CONTOS

Edições Vercial

**José Leon Machado**

**Jardim sem Muro**

Contos na cama e noutros sítios

**Edições Vercial**

*Só um sonho me liga a mim –  
O sonho atrasado e obscuro  
Do que eu deveria ser – muro  
Do meu deserto jardim.*

Fernando Pessoa, poema “Andaime”

## Jardim sem muro

O sr. Lindolfo e a esposa costumavam passar quinze dias de férias na Quinta de Pardilhó, nos arredores de Castro Daire. Era um empreendimento de turismo rural de que ambos gostavam devido às boas instalações, à simpatia com que eram tratados pelo pessoal de serviço e sobretudo ao sossego. Depois de um ano de canseiras a administrar o negócio de tintas e vernizes com estabelecimento comercial em Gaia, era com grande prazer que o sr. Lindolfo partia no Mercedes com a Dona Soraia rumo a Castro Daire.

A Quinta de Pardilhó ficava à face da estrada municipal. Atravessava-se uma entrada com o portão sempre aberto e seguia-se por um caminho em terra batida até à recepção. Os hóspedes estacionavam as viaturas sob as árvores à face do caminho ou num telheiro para três lugares. Naquelas férias, porque os lugares do telheiro estavam ocupados, o sr. Lindolfo estacionou o Mercedes debaixo de uma noqueira, esperando vir a mudá-lo para o telheiro à primeira oportunidade.

Nos dias que passava na quinta, o sr. Lindolfo raramente descia à piscina. Enquanto a esposa ocupava as manhãs e as tardes em banhos de sol e de água, ele sentava-se na esplanada em frente à recepção a ler o jornal ou no sofá da sala de convívio a ver televisão. Quando já tinha lido o jornal de ponta a ponta e não lhe apetecia ver televisão, sentava-se à sombra do castanheiro perto do telheiro, num banco de pedra, as pernas estendidas, o cigarro esquecido nos dedos, a observar a paisagem de campos e montes ao longe ou, mais perto, o movimento da piscina e dos hóspedes que passavam.

Comparava os hóspedes às plantas de um jardim. Cada planta tinha gostos, manhas e caprichos que a distinguiam das demais. A empregada de limpeza ficara de regar-lhe o jardim da casa dia sim, dia não, enquanto as férias durassem, aliás como sempre acontecia. Apesar disso, quando regressava, ia encontrar algumas plantas em muito más condições. É que não bastava regá-las. Era preciso equilibrar a quantidade de água. Não pode ser de mais nem de menos. E depois era preciso ter em atenção a pressão da mangueira, para não remover a terra das raízes. E nisso a empregada era uma descuidada.

De momento, estavam hospedados na quinta, além das galinhas, um galo, três gatos, duas éguas e as rãs do charco ao lado da piscina, um jovem casal com uma miúda de cinco anos, duas senhoras quarentonas com dois miúdos na pré-adolescência, um tipo cabeludo com um miúdo de quatro anos ou à volta disso, e dois pares de namorados, certamente amigos entre si, pois passavam grande parte do tempo juntos. Ao todo estavam hospedados na quinta onze adultos, contando consigo e com a esposa, e quatro crianças.

Três dias após a sua chagada, o sr. Lindolfo tinha já uma noção bastante nítida de toda aquela gente, sem ter trocado com a maior parte mais do que os bons dias ou as boas noites. Com os dois pares de namorados nem isso. Eram lisboetas emproados que não saudavam ninguém.

O casal com a miúda de cinco anos era gente educada. A Dona Soraia, quando estava na piscina, costumava conversar com a mãe da criança. Parece que era professora. O marido, mais calado, passava o tempo a ler com os óculos na ponta do nariz um calhamaço de capa negra. Devia ser professor como ela, mas o sr. Lindolfo não estava certo disso. É que ele tinha mais o aspecto de pastor protestante do que de

professor, sabendo, como sabia, que a leitura de livros não era uma coisa de que normalmente a classe docente gostasse de fazer. A miúda, muito alegre e agitada, brincava com o filho do cabeludo, ora dentro ora fora da piscina. Já dava umas braçadas e mergulhava destemidamente. O miúdo ainda não sabia nadar e o pai obrigava-o a vestir um colete salva-vidas que, embora não o deixasse ir ao fundo, atrapalhava-lhe os movimentos na água. Ele bracejava e não saía do sítio. A miúda empurrava-o como a um pequeno barco e ambos divertiam-se imenso com isso.

Era estranho que o pai estivesse hospedado apenas com o miúdo. O mais lógico seria estar também com a esposa. Ali, segundo lhe explicou a Dona Soraia, havia história de divórcio. Era um tipo bastante entroncado, o cabelo castanho comprido aos caracóis e grandes tatuagens nos braços. Se não era um baterista de uma dessas bandas de *heavy metal*, passava muito bem por um jogador de rêguebi. Deitava-se à sombra de um guarda-sol de lona junto à piscina e dormitava. À noite, deixava o miúdo no quarto a dormir e saía. Era bem provável que fosse até à discoteca mais próxima. Voltava às tantas da madrugada e reparava o sono durante o dia.

Quanto às duas senhoras quarentonas, metia dó olhar para elas, especialmente quando vestiam o fato-de-banho. Uma era animadora cultural e a outra trabalhava no departamento de águas e saneamento de uma câmara municipal. Os miúdos, ele sobrinho de uma e ela filha de outra, eram problemáticos. Faziam perrices por tudo e por nada, soavam-se entre si e chegaram a ameaçar os outros dois miúdos mais pequenos quando andavam na piscina em mergulhos e natações. O rapaz, no charco ao lado coberto de folhas de nenúfar, dedicava-se a apanhar as rãs e a arrancar-lhes as patas. Num serão em que as duas senhoras se tinham ido

deitar, o sr. Lindolfo viu os dois catraios na piscina. Estava escuro – a piscina tinha apenas luzes de presença – e ele, que tinha ido dar um pequeno passeio pelo jardim, ouviu uma voz que dizia:

– Não faças isso, que dói.

Aproximou-se da cerca de canas que separava o jardim da piscina, espreitou e viu a mocita debruçada sobre o miúdo estendido numa das espreguiçadeiras. De início não percebeu o que se estava a passar. Ter-se-ia o rapaz magoado e ela estava a ver o que ele tinha? Quando se apercebeu de que não era nada disso, deu meia volta sem que eles se apercebessem e lá os deixou a explorar os segredos do amor.

Quanto às senhoras, depressa descobriu por que razão se iam deitar e deixavam os miúdos sem vigilância, especialmente junto à piscina, que à noite era um local de perigo redobrado. Assim estariam mais à vontade no quarto que partilhavam. Um serão, sentado sob o castanheiro, viu-as entrar no edifício de mão dada, confiadas de que ninguém as estaria a ver.

Mas para o sr. Lindolfo, os mais estranhos hóspedes da quinta eram os dois casais de lisboetas. Que eram lisboetas, ele não tinha qualquer dúvida. Primeiro pela fala arrebitada de simplificarem os ditongos e de fecharem as vogais abertas; segundo pelo vocabulário estranhíssimo e muitas vezes inglesado que empregavam para nomear as coisas mais corriqueiras; depois por aquelas manias de se mostrarem educadíssimos e finíssimos para com os funcionários do hotel e absolutamente insolentes para com os restantes hóspedes que abrissem mais as vogais e que, segundo eles, deviam pertencer à escumalha do norte.

O quarto de um dos casais ficava por cima do seu e ele e a esposa sentiam-se por vezes incomodados com o barulho.

Foi aliás esse barulho que levou o sr. Lindolfo a concluir que eles eram realmente gente estranha. Aparentemente, cada casal tinha o seu próprio quarto. No entanto, juntavam-se à noite no quarto que ficava por cima. Ouviam-se gargalhadas, arrastar de pés e de cadeiras, chiores de cama e, o que era mais curioso, gemidos e gritos. Não os gemidos e gritos habituais de um homem e de uma mulher que bastas vezes se ouviam por esses hotéis portugueses de má construção; mas os gemidos e os gritos de dois homens e de duas mulheres. De início, ele não percebia o que se estava a passar. Foi preciso a dona Soraia fazer-lhe um desenho com o dedo no ar. Ele tinha visto sexo em grupo em revistas pornográficas mal impressas ou nalgumas cenas de filmes de primeiro escalão que ele uma vez por outra visionava à socapa da Dona Soraia. Mas era a primeira vez que assistia esteriofonicamente ao vivo a uma actuação. A Dona Soraia apercebeu-se de que havia qualquer coisa que não batia certo. É claro que não batia certo, dizia-lhe ele. Dois homens e duas mulheres a comerem-se no mesmo quarto não era uma coisa que estivesse bem. Mas a Dona Soraia não se referia a isso. Era outra coisa.

– O quê? – perguntou o sr. Lindolfo a coçar a virilha debaixo do lençol.

Ela não sabia ao certo. Tinha a ver com o barulho.

– O barulho?

O barulho que eles faziam no momento dos trabalhos, tentou explicar ela. Parecia que num momento se ouviam as vozes femininas e no outro as masculinas.

– Isso é porque estão no mesmo ritmo – observou o marido.

Se estivessem no mesmo ritmo, contestou a esposa, o barulho haveria de ser diferente.

O sr. Lindolfo não tinha ouvido de músico e não

notou nada de extraordinário nos gemidos e gritos. Pareciam-lhe normais e bem distribuídos.

Nos dias que se seguiram, passou, contudo, a ter os casalinhos debaixo de olho. À hora do pequeno-almoço, costumava encontrar os dois sujeitos na sala a comer torradas e a beber canecas de café. As duas companheiras nunca iam tomar o pequeno-almoço. Enquanto barrava um pedaço de pão com doce de pêsego caseiro, o sr. Lindolfo afilava o ouvido para captar a conversa. Um deles devia ser dono de uma loja de roupa e o outro era costureiro, pois falavam de coisas que tinham a ver com isso. Sobre os bacanais nem uma palavra.

Os dois lisboetas depois saíam de carro com máquinas fotográficas a tiracolo e só apareciam à hora do almoço. Elas, a meio da manhã, desciam à piscina e, sem molhar os pés, estendiam a toalha sobre a relva ou nalguma espreguiçadeira que estivesse livre e deitavam-se ao sol esturricante. Moviam-se apenas para mudar de posição, acender ou apagar um cigarro, ou espalhar bronzeador nas costas uma da outra. Ao meio-dia, os outros hóspedes abandonavam a piscina, excepto elas, que ali ficavam à espera dos marmanjos para irem os quatro almoçar.

Eram ambas altas. Vistas de costas metidas no fato-de-banho, punham qualquer homem normal a salivar. Uma tinha o cabelo liso comprido que prendia com um elástico azul. A outra tinha-o encaracolado como as marroquinas. De frente não eram nada bonitas. Raramente sorriam e uma delas, quando o fazia, mostrava os dentes escurecidos pelo cigarro. O sr. Lindolfo pensava que elas, embora enxutas de carnes, deviam estar mais rodadas do que a carrinha lá da firma que ele utilizava para distribuir as tintas e os vernizes. As rugas à volta dos olhos e na comissura dos lábios pareciam

dar prova disso. À tarde, costumavam levar comida para a piscina. Uma vez levaram um melão de casca verde e comeram-no sentadas na borda, o sumo a pingar para a água, o que levou alguns hóspedes a fazer comentários indignados que elas ignoraram.

Uma tarde, o sr. Lindolfo teve de ir ao quarto buscar os óculos de que se tinha esquecido. Escutou vozes no quarto de cima. Eram os dois tipos a falar, a rir e a gemer. Sentou-se na cama um pedaço a tentar perceber o que se passava. Os dois parecia que estavam a... Sim, pois claro!, exclamou ele. A Dona Soraia tinha razão. Havia ali alguma coisa que não batia certo. Os dois tipos andavam a comer-se mutuamente e elas se calhar até sabiam. Ou não sabiam?

Depois de ouvir um ronco final, saiu. A meio do corredor, lembrou-se dos óculos. Com o incidente, esquecera-se mais uma vez deles. Voltou ao quarto e verificou, com espanto, que a borga no quarto de cima continuava. Devem ter mudado de posição, conjecturou. Um dava e o outro levava. Agora o que dava leva e o que levava dá. Não esperou muito para ouvir o segundo ronco final.

O sr. Lindolfo era um homem de escassos estudos e, talvez por isso, pouco aberto no que dizia respeito às modernices sexuais. Custava-lhe a aceitar que dois homens se juntassem para gozar os prazeres da carne. Ele sabia que a mariquice não era um sinal dos tempos. Sempre a houve. Num programa de televisão, ficou a saber que os chimpanzés, os animais mais próximos do homem, também tinham práticas homossexuais. Por outro lado, não era raro ver os cães vadios da rua onde morava a lamberem-se uns aos outros e a encavalitarem-se simulando o coito na falta de fêmea. A Bíblia também falava nisso. Deus não destruiu Sodoma e Gomorra por causa dessas porcalhices?

Seria a sodomia de homem com homem mais excitante do que de homem com mulher? O sr. Lindolfo admirava-se como podiam aqueles dois tipos andar a sodomizar-se um ao outro quando tinham dois mulherões onde podiam satisfazer todos os caprichos sexuais. O mais provável, pensou, era as duas andarem a esfregar-se uma na outra. Não se admiraria nada de que assim fosse.

Ele sabia que num jardim, entre as plantas, podiam surgir ervas daninhas. Não havia monda ou herbicida que as erradicasse definitivamente. O tratador virava as costas dois ou três dias aos canteiros e lá começavam elas a arrebatar os cornos verdes cheios de viço. As chamadas plantas benignas, se não se tratassem, definhavam e acabavam por sufocar no meio das ervas daninhas. Estas vingavam e multiplicavam-se sem qualquer tratamento especial. Os manuais de jardinagem explicavam que um jardim sem muro era mais propenso ao ataque das ervas daninhas. Com um muro alto, era mais difícil as sementes disseminarem-se pela acção do vento. Por outro lado, a sombra do muro impedia a proliferação dessas ervas que, por serem endémicas, preferiam o sol. Havia espécies de plantas ornamentais que se davam bem à sombra e os manuais aconselhavam o seu plantio. Nada disto, porém, era exacto. Apesar do muro, no jardim do sr. Lindolfo proliferavam os dentes-de-leão, as leitugas, as macelas e os beldros. Enquanto isso, as rosas, as petúnias e os amores-perfeitos, se não fossem constantemente vigiados, estiolavam.

O jardim humano, mesmo assim, era bem mais complexo. Os muros que a sociedade foi construindo para salvaguardar uma pretensa moral iam desabando. Nenhum herbicida, nenhuma monda seria capaz de expurgar os dentes-de-leão da sociedade. Simplesmente porque deixaram de

ser considerados ervas daninhas. São ervas entre outras, com a sua especificidade, as suas características próprias, fruto dos mil caprichos da natureza.

Foi a pensar nisto que o sr. Lindolfo passou o resto daquela tarde, sentado à sombra do castanheiro a chupar cigarros com baixo teor de nicotina e alcatrão. Andava a tentar parar de fumar, embora tivesse a certeza de que nunca o conseguiria, talvez por falta de verdadeira vontade e porque, além das flores e do pensamento, o cigarro era a companhia que mais o distraía. E depois porque achava que já não valia a pena. Têria, quê?, mais dez anos de vida? Se o pulmão esquerdo se aguentasse, disse-lhe o médico, talvez mais quinze. O mais provável era morrer de um acidente de viação.

A esposa lá estava na piscina, deitada de costas numa espreguiçadeira, em conversa com a mulher do pastor, sentada noutra ao lado. Tinha umas belas mamas, ou pelo menos parecia. O pastor, ou lá o que era, continuava, à sombra de um guarda-sol, a leitura do calhamaço de capa negra. Assim passava aquele tipo os dias de férias, a olhar para as letras do livro como se lá estivesse guardada a explicação dos mistérios da vida. Não seria muito mais esclarecedor olhar à volta? Tantas folhas de papel se enchiam inutilmente de parvoíces que faziam inchar de vaidade os seus autores, esses pobres diabos que imaginavam ser os únicos e autênticos intérpretes da vida e dos seus mistérios!

As duas quarentonas desciam agora até à piscina. Devem ter ido dormir a sesta, provavelmente na mesma cama. Ao passar, cumprimentaram o sr. Lindolfo. Pelo menos eram educadas. Que importância tinha se andavam a consolar-se uma à outra? O mais importante era cada um ser feliz, ou tentar sê-lo. Ele era um homem razoavelmente feliz. Tinha uma mulher carinhosa e, apesar dos cinquenta e dois, ainda

elegante. Os filhos estavam criados e não davam consumições. Não lhe faltava dinheiro, tinha uma boa casa, um carro potente e confortável, que mais queria? Era difícil ser-se feliz sabendo-se que se está em contagem decrescente. Mas não está todo o ser humano, desde que nasce, em contagem decrescente? Por vezes pensava como seria o momento de morrer. Provavelmente não sentiria nada. Estaria a dormir, drogado pelos médicos, que não gostam que ninguém no hospital se passe para o outro lado aos gritos, para não perturbar os outros doentes.

Mas não queria pensar agora nisso. Em casa, quando por vezes a morte lhe vinha à ideia, ia cavar para o jardim. Saía de lá retemperado. Era isso o que lhe faltava naquelas férias. Haveria de pedir ao gerente da quinta autorização para, nos dias que ainda ali passaria, tratar do jardim. Nos pequenos passeios que ia fazendo, constatava o seu abandono. A erva daninha crescia abundante entre as roseiras; as dalias e as zínias secavam com a falta de rega e as ervilheiras, a abarrotar de semente, pediam que as arrancassem. Sempre era preferível vigiar e cuidar um jardim de plantas, mesmo sem muro como aquele, do que andar a espiar os outros hóspedes, embora, considerava, não fosse tão divertido. Era sem dúvida mais saudável.

Ergueu-se do banco de pedra, esmagou a prisca e foi procurar o gerente.